

FORMAS DE PRESENÇA DA PALAVRA ALHEIA EM ARTIGOS CIENTÍFICOS DE JOVENS PESQUISADORES

José Cezinaldo Rocha Bessa¹

RESUMO: Considerando que os textos científicos, sobretudo aqueles produzidos por jovens pesquisadores, expressam relações dialógicas que podem assumir desde formas explícitas e facilmente perceptíveis de manifestação da palavra alheia às configurações mais sutis e complexas de entrelaçamento de dizeres, procuramos, no presente trabalho, identificar, descrever e interpretar estratégias de convocação/inserção de vozes, enquanto índices de formas de presença da palavra alheia, em artigos científicos produzidos por estudantes de mestrado da grande área de Linguística. A análise interpretativa e qualitativa do corpus toma como fundamento teórico formulações do Círculo de Bakhtin sobre dialogismo e trabalhos de comentadores da obra do Círculo, assim como trabalhos de estudiosos que discutem a escrita científica, principalmente em perspectiva enunciativa.

PALAVRAS-CHAVE: palavra alheia, relações dialógicas, artigos científicos, jovens pesquisadores, Círculo de Bakhtin.

ABSTRACT: Considering that scientific texts, especially the ones written by young researchers, express dialogic relations that can assume from explicit and noticeable ways of manifestation of the other's words to the subtlest and most complex manifestation of interlacing of speech, in this work, we intend to identify, describe and interpret strategies of convocation/insertion of voices, as indexes of forms of presence of the other's words in scientific papers produced by Master's students in large area of Linguistic. The interpretative

¹ Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP/FCLAR, Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Prof. Adjunto IV do Departamento de Letras Estrangeiras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Campus de Pau dos Ferros.

and qualitative analysis of corpus has, as theoretical base, formulations of Bakhtin Circle about dialogism and works of commentators of Circle's work, as well as works of researchers that discuss about scientific written, especially in an enunciative perspective.

KEYWORDS: other's words, dialogic relations, scientific papers, young researchers, Bakhtin Circle.

Recebido em: 15-10-2016

Aceito em: 03-01-2017

INTRODUÇÃO

A palavra usada entre aspas, isto é, sentida e empregada como palavra do outro, e a mesma palavra (como alguma palavra do outro) sem aspas. As gradações infinitas no grau de alteridade (ou assimilação) entre as palavras, as suas várias **posições de independência em relação ao falante**. As palavras distribuídas em diferentes planos e **em diferentes distâncias em face do plano da palavra do autor [...]** (BAKHTIN, 2003, p.327, grifos nossos).

Cada conjunto verbalizado grande e criativo é um sistema de relações muito complexo e multiplanar. Na relação criadora com a língua não existem palavras sem voz, palavras de ninguém. **Em cada palavra há vozes às vezes infinitamente distantes, anônimas, quase impessoais** (as vozes dos matizes lexicais, dos estilos, etc.), **quase imperceptíveis, e vozes próximas, que soam concomitantemente**. (BAKHTIN, 2003, p. 330, grifos nossos).

Nas citações acima, recortadas do texto *O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas*, Bakhtin (2003) sinaliza os modos sutis, diversos e complexos de que nos utilizamos para assimilar, enquadrar e citar a palavra alheia na constituição de nossos dizeres. Ele sinaliza mais precisamente a existência de gradações, de posições de independência, de planos de distância em relação à palavra alheia que caracterizam toda construção do dizer na comunicação discursiva.

É, pois, considerando a sutileza, a diversidade e a complexidade dos modos de manifestação das relações dialógicas constitutivas de todo tipo de enunciado na comunicação discursiva, que este trabalho se propõe a examinar *procedimentos formais do discurso* (BAKHTIN, 2010a, p. 139), aqui entendidos como formas de marcar a presença da palavra alheia constitutivas do dizer, em textos da esfera científica, especificamente em textos científicos produzidos por pesquisadores iniciantes/jovens pesquisadores.

Assumindo que, no processo de familiarização com convenções da esfera acadêmico-científica e com um discurso disciplinar, os jovens pesquisadores expressam, em seus textos científicos, relações dialógicas que podem assumir desde formas explícitas e facilmente perceptíveis de manifestação da palavra alheia às configurações mais sutis e complexas de entrelaçamento de dizeres, encontramos forte motivação para o desenvolvimento deste trabalho. Nele, procuramos, portanto, identificar, descrever e interpretar estratégias de convocação/inserção de vozes, enquanto índices de formas de presença da palavra alheia, em artigos científicos produzidos por jovens pesquisadores (no caso, estudantes de mestrado)².

Não se trata, entretanto, de focalizar aqui aqueles fenômenos que, na esteira de trabalhos de Authier-Revuz (1998, 2004, 2008, 2011) e Maingueneau (1996, 1997, 2008, 2011), têm sido convencionalmente estudados como marcas

² Este trabalho retoma parte de resultados de nossa pesquisa de doutorado (BESSA, 2016), na qual investigamos o dialogismo e a construção da autoria na escrita de artigos científicos de estudantes de mestrado. Tal empreendimento resulta de nosso interesse pelo estudo da escrita acadêmico-científica de jovens pesquisadores em seu percurso de formação em pesquisa, da graduação à pós-graduação. Nas reflexões que temos desenvolvido, e também neste trabalho, assumimos a escrita científica do estudante de mestrado como escrita de *jovem pesquisador*, entendendo, com base em Severino (2009), que, no mestrado, o estudante se encontra ainda em uma fase de aprendizagem da pesquisa e de formação como pesquisador.

de heterogeneidade enunciativa e que englobam, via de regra, as formas de discurso reportado/relatado/citado. Mais que simplesmente assinalar a presença de um outro no fio/tecido do dizer do jovem pesquisador, como marca da heterogeneidade constitutiva e/ou mostrada, o aspecto das estratégias de convocação/inserção de vozes nos interessa particularmente porque, além de nos ajudar na tarefa de compreender os movimentos interpretativos desse pesquisador sobre o dizer do outro, possibilita-nos também perceber como ele vai se situando em relação à sua área de saber e como vai interagindo com os conhecimentos dessa área e nela se engajando. Em última instância, tais estratégias nos fornecem pistas para entendermos a entrada do jovem pesquisador no seu campo do saber e o seu percurso de familiarização e de engajamento com a atividade de escrita do texto científico.

O trabalho encontra respaldo teórico em formulações do Círculo de Bakhtin sobre dialogismo e em trabalhos de comentadores (FARACO, 2009; GERALDI, 2012) da obra do Círculo, assim como em trabalhos de estudiosos que discutem a escrita científica, principalmente em perspectiva enunciativa (RINCK, BOCH & GROSSMANN, 2006; POLLET & PIETTE, 2002, entre outros). Em consonância com essas orientações teóricas e estudos supracitados³, estamos compreendendo as estratégias de convocação/inserção de vozes como expressão da posição que o jovem pesquisador ocupa na relação com os dizeres

³ Por questões de espaço da publicação, resolvemos privilegiar o trabalho analítico realizado. Assim, não trazemos aqui uma seção com fim específico de apresentar uma discussão teórica. Os fundamentos teóricos que balizam nossa leitura das materialidades recortadas serão retomados, em alguma medida, ao longo da análise. Importa ressaltar que, para nossos interesses de estudo, é fundamental mencionar nossa ancoragem teórica central no dialogismo do Círculo de Bakhtin e que tal ancoragem teórica implica, por conseguinte, considerar toda uma rede conceitual (enunciado, gênero do discurso, sujeito, espaço-tempo, dentre outros conceitos-chave) que gravita em torno da noção de dialogismo e que se encontra presente no conjunto das obras do Círculo (BAKHTIN, 2010a, 2010b, 2003, dentre outras).

que cita, bem como da condição de principiante/iniciante que ele ocupa na esfera da produção do conhecimento, acreditando, portanto, que essas estratégias nos permitem compreender o sujeito “que fala e em que condições fala”. (BAKHTIN, 2010a, p. 192). Sendo assim, partimos da compreensão de que a construção do dizer do jovem pesquisador reflete a condição (ou estatuto) como pesquisador em formação que ele ocupa em sua comunidade científica.

APONTAMENTOS SOBRE NATUREZA DA PESQUISA E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Antes de adentrarmos mais diretamente no trabalho de análise, entendemos ser oportuno e necessário fazermos alguns apontamentos quanto à metodologia da pesquisa da qual deriva o presente texto.

Para compreender melhor o percurso da pesquisa e os procedimentos metodológicos por nós empregados, é crucial assinalarmos inicialmente que a nossa investigação se encontra fundamentada nos estudos bakhtinianos ou estudos do Círculo de Bakhtin. Estando orientados por essa postura teórico-metodológica, assumimos, pois, que, na construção do conhecimento numa perspectiva de uma *epistemologia das ciências humanas* – como apreendida das leituras bakhtinianas –, o pesquisador lida com textos, e visa, no cotejo de textos e contextos, a construir compreensões, ou, melhor dizendo, a colocar em cena *gestos interpretativos mediante contínua atribuição de sentidos*. (FARACO, 2009).

Como decorrência desse entendimento, a pesquisa realizada assume um viés interpretativo e se ancora numa abordagem qualitativa, entendendo que, sem necessariamente representar uma perda do rigor metodológico, essas opções se prestam melhor aos propósitos de compreender e interpretar os sentidos e dizer *coisas significativas e substanciais* (GARALDI, 20012) sobre nossos objetos de estudo.

Por assim entendermos, cumpre lembrar que não estamos preocupados com as quantificações, tampouco com a generalização de resultados, o que implica dizer que, na constituição do *corpus* e no trabalho de análise realizado, estivemos orientados pela compreensão de que cada texto analisado se trata de um evento único, singular, irrepitível, como manifestação da singularidade de um sujeito, logo, consideramos que haverá sempre algo de “novo” em cada texto analisado pelo pesquisador.

Isso posto, passemos, então, a tratar da constituição do *corpus* e dos procedimentos de análise. Na constituição do *corpus*, consideramos como critério, primeiramente, os textos se caracterizarem como artigos empíricos, conforme classificação e definição de Motta-Roth e Hendges (2010). Posteriormente, para delimitação dos textos a serem analisados, estabelecemos os seguintes critérios: 1) serem produzidos e publicados por jovens pesquisadores (no caso estudantes em curso de mestrado acadêmico ou com o título de mestre), sem contarem com coautoria de um pesquisador com o título de doutor; 2) assumissem, em alguma medida, as concepções teóricas dos estudos bakhtinianos; 3) tivessem sido submetidos às mesmas condições de publicação.

Como tais condições poderiam ser preenchidas coletando artigos publicados em anais de um evento acadêmico, decidimos coletar artigos científicos publicados em anais de um dos congressos mais representativos da linguística brasileira, já que organizado pela principal associação de pesquisadores da área no Brasil, a Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN), e principalmente porque os congressos organizados por essa entidade abrem espaço para pós-graduandos não só apresentarem seus trabalhos, como também publicarem seus textos nos anais do evento. Sendo assim, escolhemos os anais do *VII Congresso Internacional da Abralín*, realizado em fevereiro do ano de 2011, em Curitiba, Paraná. A escolha dos anais dessa edição levou em conta o fato de ser o congresso mais recente da referida associação e em razão de estarem disponíveis, no formato de *CD-room* e *on-line*, no período de nossa coleta.

Observados esses procedimentos, passamos à coleta dos textos nos referidos anais, para, chegarmos, finalmente, a um total de 10 artigos científicos, que compõem, portanto, o *corpus* da pesquisa realizada. Explicitados esses direcionamentos, tratamos, por fim, de apontar o percurso analítico-interpretativo de que resultou o trabalho de pesquisa realizado. O referido percurso compreendeu, pois, os seguintes procedimentos:

1) Após uma leitura exploratória inicial para conhecer cada um dos textos do *corpus* no que concerne ao conteúdo e organização textual, procedemos à realização de leitura e releitura do material, com vistas a identificar e destacar enunciados que, no texto do jovem pesquisador, pudessem ser interpretados

como manifestação de formas de discurso relatado e de estratégias de convocação/inserção de vozes;

2) Sistematização e agrupamento dessas manifestações em categorias analíticas;

3) Descrição de categorias de análise correspondentes a essas manifestações;

4) Seleção de fragmentos/excertos dos textos do *corpus* para ilustrar as categorias de análise elaboradas;

5) Realização de análise qualitativa do *corpus*, focalizando a descrição e interpretação das estratégias de convocação/inserção de vozes identificadas nos textos.

Convém ressaltar, por fim, que, no decorrer da análise do *corpus*, as categorias elaboradas são exemplificadas por excertos que são considerados representativos, sobretudo do ponto de vista daquilo que é da ordem do singular, mas também daquilo que aponta para regularidades, no que se refere à identificação de relações dialógicas que constituem o dizer do jovem pesquisador.

DAS FORMAS DE PRESENÇA DA PALAVRA ALHEIA NO DIZER DO JOVEM PESQUISADOR: PERSEGUINDO ESTRATÉGIAS DE INSERÇÃO DE VOZES

No trabalho de análise dos 10 artigos científicos⁴ que constituem o *corpus* da pesquisa, nosso olhar de pesquisador identificou 06 categorias de estratégias de convocação/inserção de vozes (o que, evidentemente, não esgota outras possibilidades), concebidos como índices das formas de presença da palavra alheia na constituição do dizer do jovem pesquisador. Na sequência, passamos, pois, a examinar cada uma dessas estratégias.

1) *o autor/estudioso é citado como a origem do dizer*

Essa primeira estratégia é reconhecidamente a forma canônica de convocar a voz do outro na escrita científica, seja de um pesquisador iniciante, seja do pesquisador experiente. Mais que simplesmente marcar a presença do outro no tecido/fio do texto, tal estratégia é uma forma de assinalar que se reconhece que o dizer de um determinado autor ou estudioso habita o nosso dizer e que a ele se atribui determinadas palavras.

As regularidades observadas no uso dessa estratégia nos textos de nosso *corpus* apontam para o fato de que os jovens pesquisadores estão bem familiarizados com este aspecto das convenções e normas que regem a escrita do texto científico, ainda que, em casos isolados, como do excerto (01), o produtor não observe que em citações sob a forma de discurso direto com *que* é necessário explicitar não apenas o autor e o ano do texto, mas também a página de onde foi recortado o trecho citado, ou como em (02), em que o produtor deixa

⁴ Convém sublinhar que, na análise que apresentamos aqui, não tivemos a preocupação de utilizar, como ilustração das estratégias de convocação examinadas, todos os textos que compõem o *corpus* de nossa pesquisa. Demos preferência aqueles textos em que as constatações das estratégias examinadas foram se revelando mais produtivas para os aspectos que pretendíamos demonstrar e enfatizar.

de usar as aspas para demarcar o dizer do outro reportado em seu texto também sob a forma de discurso direto com *que*, ou, por fim, como em (03), em que o produtor deixa de explicitar qualquer indicação da obra a que faz referência, ao mencionar apenas o nome do autor:

(01)

Para a produção do texto acadêmico, o aluno lança mão do discurso do outro. Quem é esse outro? Bakhtin (2003) nos diz que “Nas relações dialógicas que se estabelecem entre o eu e o outro, entre o eu-para-o outro e o outro para mim, aparece um novo elemento que é aquele não – eu – em – mim maior do que eu em mim (...) Uma modalidade do eu que tende a anular o eu para – mim para se definir como outro dos outros”. (AC06, p. 960-961).

(02)

*Compreendemos que os sujeitos usuários da língua constroem sentidos e significados que se constituem segundo seus conhecimentos prévios, seus papéis sociais e a situação de comunicação específica. Nesse sentido, **entendemos que a verdadeira substância da língua é constituída pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações** (BAKHTIN, 1981, p.123). É perceptível que ao longo das três últimas décadas de estudos lingüísticos, mesmo com algumas divergências teóricas entre as correntes, notamos que há um interesse comum entre elas que é o de renovação do ensino de Língua Portuguesa. (AC10, p. 3034).*

(03)

Seguindo essa mesma perspectiva, Charaudeau, também tendo inserido a língua na situação de comunicação, propõe a noção do sujeito da linguagem como um sujeito que se produz em função de uma rede de lugares que ele ocupa no ato de linguagem. Logo, para estudar as enunciações, passou-se a ser considerada a situação comunicativa realizada entre dois ou mais falantes, tornando-se relevantes as ideologias presentes, o momento sócio-histórico e cultural, além dos propósitos de cada parte envolvida na interação. (AC05, p.199)⁵.

⁵ Para garantir a preservação da identidade dos autores, os artigos científicos foram codificados observando a seguinte identificação: AC01, AC02, AC03..., em que AC corresponde a Artigo Científico e os numerais 01, 02, 03 ... correspondem a ordem numérica, estabelecida aleatoriamente, dos textos em nosso *corpus*. Acompanhando a identificação, encontra-se a indicação da página do artigo da qual o excerto foi recortado. Redução do tamanho da fonte e destaques de negrito, itálico e sublinhado nos excertos são de nossa responsabilidade, visando a melhor realçar aspectos que analisamos.

Tratar dessa primeira estratégia de convocação/inserção de vozes nos remete não apenas ao modo como o jovem pesquisador se familiariza com convenções próprias da esfera acadêmico-científica e às dificuldades que lhe são inerentes, mas também ao aspecto do lugar de inscrição do sujeito jovem pesquisador no seu processo de familiarização com essa escrita, na medida em que nos aponta, por exemplo, como este pesquisador fundamenta o seu dizer recorrendo a um diálogo com uma fonte segunda. A propósito, podemos sugerir que, em enunciados como do excerto (04), um pesquisador (mais) experiente recorreria diretamente ao texto de Bakhtin (ou seja, ao texto-fonte), e não ao texto de um comentador/estudioso do pensamento bakhtiniano, para citar a definição de gêneros expressa em textos do referido pensamento:

(04)

É ancorado nessa forma de conceber a língua que todos os outros conceitos envolvidos na obra de Bakhtin se desenvolvem, conceitos estes de fundamental importância para sua definição de gênero, entre os quais encontramos o conceito de enunciado, que na concepção do autor é “a unidade real e concreta da comunicação discursiva.” (RODRIGUES, 2005, p. 154) (AC07, p. 987).

Nesse caso, o produtor reconhece a origem do dizer em *Bakhtin*, mas o faz recorrendo a um comentador/estudioso do pensamento bakhtiniano. Ele designa, portanto, uma outra voz, uma voz segunda, para definir *gêneros do discurso* na acepção bakhtiniana. Se do ponto de vista do diálogo estabelecido e da coerência interna do texto, essa estratégia é perfeitamente legítima e aceitável, do ponto de vista dos valores da cultura acadêmico-científica – tratamos de questão em Bessa (2016) – que valoriza o diálogo com os denominados textos-fonte, ela pode ser considerada inadequada e/ou pouco produtiva, porque se

argumenta que seu uso pesa contra a força argumentativa e a credibilidade do trabalho. Há, inclusive, quem defenda que não se deva citar os comentaristas: “Não cite autores secundários [comentaristas] sobre conceitos autorais. [...] os comentaristas exercem um papel fundamental no processo pedagógico e na circulação de ideias, mas são autores sem expectativas de ser citados” (DINIZ, TERRA, 2014, p. 145), amparando-se na ideia de que é o original que deve ser lido e citado, o que, no nosso modo de ver, se sustenta e faz sentido principalmente naqueles casos em que o produtor do texto cita somente o comentarista, ignorando o autor de renome, mesmo tendo lido o texto desse último.

Uma variante dessa estratégia é citar documentos (dicionários – sejam mais gerais, sejam mais específicos/especializados – enciclopédias, relatórios, entre outros) como fonte do dizer. É importante destacar que dessa estratégia se valem não apenas pesquisadores iniciantes, mas também pesquisadores experientes. Com a proliferação mais recente de dicionários especializados aqui no Brasil, tem sido cada vez mais comum a prática de citar palavras/dizeres que emanam desse tipo de documento. No domínio dos estudos da linguagem, mais precisamente no domínio dos estudos enunciativos e discursivos, podemos mencionar, pelo menos, dois bastante conhecidos aqui no Brasil: *Dicionário de Análise do Discurso* e *Dicionário de Linguística da Enunciação*, citados, inclusive, em textos do *corpus* de nossa pesquisa. O primeiro deles pelo produtor do AC05 e, o segundo, pelo produtor do AC09, dentre os quais recortamos o excerto do produtor AC09:

(05)

Dessa simbiose entre os discursos surge o dialogismo, vocábulo assim conceituado no Dicionário de linguística da enunciação (2009, p.80): princípio da linguagem que pressupõe que todo discurso é constituído por outros discursos, mais ou menos aparentes, desencadeando, diferentes relações de sentido. Os discursos são a matriz e a força motriz deles mesmos, são amplamente heterogêneos, assumem formas e propõem reformas aos sentidos. Isso nos permite afirmar, que os fios dialógicos da linguagem usam como matéria-prima as diferentes palavras do outro em seus diferentes graus de presença e desfrutam de uma perenidade de sentidos. (AC09, p. 1947).

Citar um dicionário especializado, por exemplo, é convocar para o seu dizer uma (ou mais) voz de autoridade em um determinado domínio do saber e é também convocar uma voz que geralmente remete a outra(s) voz(es). Trata-se, assim, de uma voz que enuncia fundamentada em outros estudos/autores⁶, fato que, inegavelmente, contribui para o fortalecimento da credibilidade da voz que emana do dicionário. Dependendo do modo como se cita o dizer de um dicionário especializado e como ele se articula à finalidade de quem cita, este pode ser um recurso extremamente valioso na argumentação científica, seja do pesquisador experiente, seja do jovem pesquisador.

Para além do movimento interpretativo que se configura no trabalho de reformulação do dizer do dicionário, como no caso de AC09 acima, nos interessa assinalar o lugar da escolha dessa voz no projeto de dizer do jovem pesquisador e de como essa escolha nos parece reveladora da condição de entrada do jovem pesquisador no domínio da escrita científica. E por que isso? Porque mostra que, no contexto em que é inserido, numa passagem em que o produtor discute o dialogismo na perspectiva bakhtiniana, trazer a voz de um dicionário para definir *dialogismo*, e não propriamente a voz de *Bakhtin*, revela

⁶ É importante sublinhar que os autores e organizadores de dicionários citam frequentemente trabalhos de outros estudiosos, retomando, por exemplo, termos, conceitos e definições de fontes diversas.

como o jovem pesquisador coloca em um mesmo plano a voz do autor que é a origem do dizer e aquela que a cita, posto que prefere citar como fonte essa última. O fato de o discurso do dicionário ser produzido por uma voz de autoridade, como é o caso de Maingueneau e Charaudeau, pode nos ajudar a compreender porque o jovem pesquisador recorre a este tipo de fonte.

Em uma cultura acadêmico-científica cujos valores prezam o diálogo com os denominados textos-fonte, fazer referência a um dizer mediante uma segunda voz, mesmo que ela seja de prestígio, é uma prática citacional que tende a pesar contra a força argumentativa e a credibilidade do dizer do pesquisador. Tal como foi inserida no texto do jovem do pesquisador, a referência à voz de um autor de um dicionário, a qual remete ao dizer de uma outra fonte, sugere, em última instância, a condição de desconhecimento do jovem pesquisador das relações e níveis de prestígio de vozes/autoridades na escala do saber de seu domínio disciplinar e de certas convenções que recobrem a construção do texto científico. É certo também que não devemos desconsiderar a possibilidade de que, em dadas circunstâncias, isso ocorra porque o jovem pesquisador não tenha acesso ao texto-fonte, o que acreditamos não ter sido o caso do produtor do AC09, já que esse faz referência, em seu texto, a dois dos livros (traduzidos para o português) do Círculo de Bakhtin.

Levando em conta esses casos dos exemplos (04) e (05), é pertinente fazermos ainda uma ponderação em relação ao uso do que se denomina de *comentadores* no texto científico. Ainda que ouçamos com relativa frequência de nossos professores/orientadores e que nos deparemos com dizeres de autores – como Diniz e Terra (2014) – que se deva evitar os comentadores na escrita

científica, defendemos a posição de que não deva haver uma prescrição deliberada sobre o uso ou não de estudiosos/comentadores no texto científico. Acreditando também que, de fato, se deva dar preferência ao uso do texto-fonte, até porque o dizer do estudioso/comentador já é uma segunda compreensão que entra em cena, defendemos, porém, que é preciso ponderar, antes de tudo e de qualquer julgamento, que tipo de informação/ideia está sendo reproduzida, com que finalidade etc.

No caso do exemplo (04), parece legítimo advogar que o produtor devesse ter recorrido ao texto-fonte (no caso, ao texto de Bakhtin) e não a um estudioso/comentador (no caso, Rodrigues), porque se tratou de reproduzir o conceito de enunciado tal como ele está posto na obra do Círculo de Bakhtin. Não se trata, por exemplo, do fato de o estudioso/comentador ter questionado esse conceito e que, por consequência, o produtor quisesse ressaltar esse aspecto em seu texto, considerando, pois, que há casos em que o estudioso/comentador ajuda a um determinado produtor/leitor a construir e/ou ampliar sua compreensão sobre concepções e/ou conceitos de uma dada perspectiva teórica.

Podemos argumentar, inclusive, que não é surpresa constatarmos, por exemplo, comentadores da obra do Círculo de Bakhtin se reportarem a outros comentadores dessa obra, sem que isso necessariamente seja problemático e, por consequência, um mal a ser evitado. É nesse sentido que reiteramos a preocupação com a generalização da prescrição quanto ao (não) uso de textos/ideias de comentadores no texto científico, sem que se pondere, antes de tudo, aspectos como o tipo de informação/ideia a que recorre o produtor, a complexidade da temática e/ou escrita do texto-fonte, as finalidades do seu uso.

Reiteramos, portanto, a defesa da necessidade de se ler e de se utilizar, de fato, o texto-fonte, enquanto possibilidade de o pesquisador construir uma compreensão que não se dê mediante uma voz intermediária, mas sem deixar de enfatizar para o jovem pesquisador que ele pode fazer uso também de textos dos comentadores dentro de certas condições.

Uma questão ainda que nos parece importante retomar aqui envolvendo a voz do comentador na escrita científica diz respeito ao uso do recurso do *apud*, porque ele também implica, sobretudo quando o produtor usa uma citação de citação indireta, o movimento da compreensão do comentador sobre o texto-fonte. É necessário focalizarmos essa questão, porque, não raras vezes, nos deparamos com comentários e críticas de orientadores e examinadores de trabalhos acadêmico-científicos quanto ao uso desse recurso em textos científicos, especialmente em textos científicos de jovens pesquisadores. Ouvimos, inclusive, que o *apud* pode ser aceito no texto científico de um estudante de mestrado, mas que ele é inconcebível no texto de um estudante de doutorado.

Diniz e Terra (2014) apontam que o uso do *apud* está relacionado à *preguiça intelectual*, e que, portanto, deve ser evitado sempre. Acreditamos que, em alguns casos, outros fatores como, por exemplo, a língua⁷ de origem do texto-fonte e a dificuldade de acesso a esse texto estejam relacionados ao uso do *apud*, sobretudo quando se trata de sua presença em textos de jovens

⁷ Usar um *apud* para citar um trecho de um texto em russo ou em chinês é muito diferente, por exemplo, de usar um *apud* para citar um trecho de um texto escrito em inglês. Citamos esse caso, porque, recentemente, nos deparamos com a necessidade de fazer uma citação direta de um trecho cujo texto de origem estava escrito em russo. Nessa situação, o recurso do *apud* nos pareceu inevitável, o que denota, a nosso ver, que tanto quanto a permissividade ao uso indiscriminado, a aversão total ao *apud* pode ser improdutiva.

pesquisadores. Queremos crer que precisamos explorar, no processo de formação na escrita científica, em que condições se pode ou não fazer uso desse recurso, considerando que ele está previsto em manuais de redação científica e de metodologia científica que são trabalhados em sala de aula com os estudantes. Logo, conseqüentemente, os estudantes aprendem, às vezes sem nenhuma ressalva e/ou advertência, que podem utilizar esse recurso.

Nossa posição procura afirmar que tal recurso deva, de fato, ser evitado o máximo possível, quanto mais elevado seja o nível de formação do pesquisador. Não atestamos, entretanto, uma negação total ao seu uso, dado que reclamamos uma abordagem que explore em que condições o estudante/pesquisador pode fazer uso de tal recurso, procurando deixar explícito que o uso do *apud* é uma forma de colocar em jogo a compreensão de um comentador, que pode tanto enriquecer as ideias expressas pelo autor do texto-fonte, quanto empobrecê-las.

Igualmente importante é focalizarmos, por fim, a questão do uso do comentador enquanto possibilidade de mascarar a leitura do autor do texto-fonte. Não é difícil imaginar que, por vezes e por razões as mais diversas, jovens pesquisadores (talvez, não apenas esses) citem a leitura de autores de textos-fonte quando, na verdade, leem apenas o comentador. Acreditamos que tal estratégia tende a se intensificar principalmente quando o texto-fonte está escrito em uma língua estrangeira que o (jovem) pesquisador não domine.

Esse é um caso extremamente complexo, porque pode indicar, dentre outras questões, tanto a dificuldade do acesso ao texto-fonte, como pode resultar da ação deliberada e má intencionada do pesquisador de se aproveitar da leitura construída por outro pesquisador, no caso, de um comentador ou outro

pesquisador. Aqui já se trata, portanto, de uma questão de integridade e ética na pesquisa, aspecto que também precisa ser melhor explorado, especialmente na formação do jovem pesquisador, quando focalizamos o uso de citações na escrita científica.

2) A corrente/linha/escola teórica é citada como a origem do dizer

Essa estratégia se manifesta quando o pesquisador assinala a presença do outro em seu texto remetendo a expressões como *Nova Retórica Americana*, *Linguística Textual*, *Análise do Discurso Francesa*, *Quadro enunciativo da Semiolinguística*, *Perspectiva Sociorretórica* e *Abordagem Sócio-histórica* que identificam uma linha, corrente ou escola teórica como a origem do dizer citado.

Fazer uso desse tipo de estratégia pode indicar, como sugerem Rinck, Boch e Grossmann (2006), que o pesquisador conhece o domínio do saber no qual está inserido e/ou do qual ele enuncia. Seria o caso, por exemplo, de suscitar que, no excerto abaixo, o produtor do AC03 se apresenta como um pesquisador que conhece bem seu campo de saber, ao menos no limite das abordagens de gêneros textuais/discursivos de que trata, na medida em que ele faz uma afirmação que indica englobar todos os autores da *Nova Retórica Americana*, como evidencia o uso do termo *os estudiosos*, numa mesma visão (mais ampla) de gêneros do discurso nos estudos da linguagem:

(05)

A Nova Retórica Americana é uma abordagem socialmente orientada. Os estudiosos dessa perspectiva enfocam principalmente o contexto situacional em que os gêneros ocorrem, com ênfase especial nos propósitos sociais a que servem. (ACO7, p. 987)

Fazer uma afirmação dessa, conforme o trecho sublinhado, associando uma determinada posição a uma corrente ou linha teórica que inclui mais de um autor/estudioso representa sempre um risco de generalização e, por conseguinte, de produzir uma incoerência teórico-conceitual, sobretudo quando se considera que, dentro de uma mesma corrente ou linha teórica, pode haver tanto convergências como divergências de concepções e de posições no tratamento de um mesmo fenômeno ou de certas problemáticas. Sustentar, portanto, o tipo de afirmação que o produtor do AC07 faz pressupõe sempre um conhecimento mais profundo do campo do saber, ou, no caso, mais especificamente, da corrente ou linha teórica em que se situa o pesquisador ou sobre a qual ele faz referência.

Queremos crer, porém, que esta estratégia de dialogar com o dizer do outro indique, na verdade, que o produtor do AC07 se limitou a reproduzir uma expressão que ele assimilou de outras leituras, de outras vozes, de outros autores. Dessa perspectiva, o produtor do AC07 não estaria tentando se legitimar como um *expert*, como suscitam Rinck, Boch e Grossmann (2006), a propósito do uso dessa estratégia de designar a fonte do dizer em texto de doutorandos franceses que esses estudiosos investigam, mas tão somente seguindo uma estratégia de convocar/inserir a voz do outro sobre a qual ele tenha pouca ou nenhuma consciência do seu real funcionamento e dos efeitos de sentido que ela pode produzir.

Um outro exemplo do uso dessa estratégia de convocar/inserir a fonte do dizer e que explicita mais claramente os riscos de generalização de um dizer e de seus efeitos de sentido pode ser observado no excerto a seguir:

(06)

*Consoante a tal assertiva a **Linguística Textual** postula que “O agente produtor escolhe no intertexto o gênero que lhe parece adequado. O intertexto é formado pelo conjunto de gêneros de textos elaborados por gerações anteriores e que podem ser utilizados numa situação específica, com eventuais transformações” (KOCH, 2003, p. 55). (AC04, p. 4307)*

É necessário destacar aqui que o produtor do AC04 introduz o dizer acima no contexto de uma discussão sobre a ideia de *vontade discursiva do falante* que perpassa a noção de *gênero do discurso* da *perspectiva bakhtiniana*, sobre a qual ele se propõe a abordar em uma das seções teóricas de seu trabalho. Sem entrar no mérito de discutir a articulação teórica entre *Linguística Textual* e *perspectiva bakhtiniana* empreendida pelo produtor, interessa-nos assinalar o aspecto de generalização que se produz, atribuindo-se, inicialmente, ao domínio da *Linguística Textual* (LT) uma certa compreensão de como se elabora um determinado gênero do discurso, para, em seguida, delimitar essa compreensão a um autor específico, no caso, *Koch*.

Esse procedimento pode suscitar o entendimento de que a *Linguística Textual* seja tomada como um campo homogêneo em suas concepções e posições teóricas, como pode também suscitar o entendimento de que *Koch*, por ser vista, no país, como uma das mais renomadas estudiosas da LT, seja concebida como uma voz consensual dentro desse domínio e, por conseguinte, uma voz legitimada e autorizada a responder por outros estudiosos do campo. No nosso modo de ver, este caso reafirma a ideia de que o produtor, jovem pesquisador, tem pouca ou nenhuma consciência do real funcionamento dessa

estratégia de inserir a fonte do dizer e dos efeitos de sentido que seu uso pode produzir.

3) Uma fonte indeterminada é citada como a origem do dizer

Essa estratégia ocorre quando o pesquisador faz uso de expressões como *diversos estudos, diversas correntes do estudo da linguagem, muitos linguistas, estudos em torno da linguagem* que indicam a presença de um outro no tecido do texto, mas que não permitem delimitar precisamente e/ou determinar explicitamente a origem do dizer.

Essa é uma estratégia extremamente comum na fala cotidiana, tanto que Bakhtin (2010a, p. 140, grifos nossos) já afirmava que “a maioria das informações e opiniões não são transmitidas geralmente em forma direta, **originária do próprio falante**, mas referem-se a **uma fonte geral indeterminada**: ‘ouvi dizer’, ‘consideram’, ‘pensam’, etc.”. No texto científico, ela não é uma estratégia tão corrente, evidentemente, como na fala cotidiana, e não se manifesta, nos artigos científicos de nosso *corpus*, com tanta regularidade quanto as duas estratégias anteriores.

Como mostram os dois excertos que seguem, o uso dessa estratégia revela casos em que a fonte do dizer pode apenas ser inferida, seja a partir do conteúdo do próprio dizer, seja por elementos contextualizadores, seja ainda pela combinação de ambos:

(07)

Diversos são os estudos e dados estatísticos que vêm denunciando o “empobrecimento” da leitura e da escrita na escola, em grande parte resultante de práticas orientadas pela reprodução de modelos, pela aplicação de “fórmulas mágicas” para o “escrever bem” e pela ausência de interlocutores “reais” que não apenas o professor. (AC01, p. 64)

(08)

Sabemos que, a partir da década de 70, diversas correntes do estudo da linguagem perceberam que era preciso ir além do tratamento formal dispensado à língua até então. Sendo assim, muitos linguistas passaram a se dedicar ao trabalho de inserir a língua na situação de comunicação e relacioná-la com essa situação como um todo e com cada um dos seus componentes. Quem diz, para quem diz, onde diz, quando diz, como diz, para que diz, por que diz passaram a ser objeto de interesse dos estudos linguísticos, figurando nesse meio a Análise do Discurso. (AC05, p. 198)

Em (07), não é possível identificar e/ou demarcar a fonte do dizer que denuncia um empobrecimento da leitura e da escrita na escola, até porque o produtor do AC01 remete esse dizer não apenas a uma fonte, mas a *diversos estudos e dados estatísticos*. Nem mesmo na continuidade do texto, o produtor do AC01 faz referência explícita a autores, de modo a ajudar o seu leitor a demarcar a fonte do dizer. O uso dessa estratégia, que aponta para uma pluralidade de vozes habitando o dizer do produtor e para um trabalho de assimilação das palavras de outrem, colabora para produzir a imagem de um pesquisador que parece ter bastante conhecimento das leituras da temática sobre a qual trata e familiarizado com as pesquisas e estudos na temática.

Em (08), por sua vez, é preciso considerar o fato de o excerto se constituir no parágrafo que abre o artigo do produtor do AC05, de modo que o uso dessa estratégia, como mostrado no excerto, deve estar associado ao propósito do produtor de situar o leitor dentro do quadro teórico-metodológico no qual se insere a temática de seu trabalho, e de problematizar o objeto de estudo. Nesse excerto, podemos observar três ocorrências de referência a uma fonte de dizer

não determinada, quais sejam: *diversas correntes do estudo da linguagem, muitos linguistas e estudos linguísticos*.

Se a fonte do dizer não está formalmente identificada pelo produtor, há, pelo menos, três pistas que contribuem com o trabalho de um leitor mais atento e conhecedor da área inferir e identificar com que vozes (estudiosos e/ou perspectivas teóricas) aquele estabelece mais diretamente um diálogo. Tais pistas, na nossa leitura, são: a construção temporal *a partir da década de 70*, que permite situar o dizer em um tempo no percurso histórico dos estudos da linguagem; a referência ao domínio da *Análise do discurso*, que permite situar o dizer dentro de uma das correntes teóricas dos estudos da linguagem suscitadas pelo dizer do produtor; e o próprio conteúdo do dizer, que aponta na direção de determinadas correntes (e não de outras) que concebem que *é preciso ir além do tratamento formal dispensado à língua*.

É importante anotar que, se expressões como *diversas correntes do estudo da linguagem e estudos linguísticos* são determinantes para inferirmos com um pouco mais de precisão a fonte do dizer, ao menos no sentido de relacionar a fonte do dizer a determinadas correntes teóricas, a expressão *muitos linguistas* suscita uma variedade maior de vozes como fonte do dizer, de modo a dificultar que o leitor, mesmo que possa recuperar algumas delas, determine a quais vozes o produtor se referiu precisamente, ou seja, com as quais ele dialogou mais diretamente.

O caso desse excerto sugere que o produtor conhecer relativamente bem o seu campo do saber, ou, pelo menos, o domínio sobre o qual discute, mas pode sugerir também que a compreensão que ele constrói sobre esse campo possa ter

sido mediada pela leitura de outras vozes, outros autores, como pode ser ainda uma combinação de conhecimento do campo do saber e mediação de leituras de outros autores. Com isso, conjecturar que a voz do produtor pode se construir nesse cruzamento de vozes, que nem ele mesmo consegue, por vezes, saber e ter clareza de que fonte do dizer elas emanam, caracterizando, portanto, o movimento de monologização da consciência (da palavra alheia, alheia-própria à palavra própria), nos termos do dialogismo bakhtiniano.

4) o produtor do texto é citado como a fonte do dizer

Essa estratégia configura aqueles casos em que o produtor do texto manifesta um diálogo com seus próprios dizeres, ou seja, em que ele se assume como a fonte do dizer. O diálogo com a própria voz pode ocorrer entre dizeres reportados no interior de um mesmo texto, como pode remeter a um texto anterior, como ilustram os dois excertos a seguir:

(09)

*Os jovens revelam que começaram a gostar de escrever no decorrer do processo, o **que ratifica nossas afirmações de que é preciso criar espaços para a produção de uma escrita significativa, produtora de sentidos; mas também proporcionar espaços em que o escrito ganhe sentidos e significações a partir do olhar e da leitura do outro.*** (AC01, p. 65)

(10)

*Comungando dessa preocupação com a escrita de textos acadêmicos produzida por estudantes do ensino superior, **temos desenvolvido estudos sobre a produção escrita acadêmica de estudantes de Curso de Letras (BESSA, 2007; BERNARDINO, 2009) e pesquisas no âmbito do Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino do Texto (GPET), do Departamento de Letras, do Campus Avançado “Profª. Maria Elisa de***

Albuquerque Maia”, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. (AC08, p. 2069).

No excerto (09), o produtor usa a construção *o que ratifica nossas afirmações*, a qual indica que ele se apresenta como a fonte do dizer, mais especificamente de um dizer que já havia expresso no interior do texto, a saber: a ideia de criar condições para o desenvolvimento de uma escrita significativa. Essa forma de estabelecer diálogo caracteriza um caso do fenômeno que Authier-Revuz (2011) menciona como autodiálogo. Não se pode deixar de destacar que, nesse caso, o produtor se assume como fonte de um dizer que, em última instância, tem ressonâncias de outras vozes, sobretudo quando se considera que, nos estudos da linguagem, muitos estudiosos já, há algum tempo, defendem a ideia de um ensino de língua materna que possibilite uma aprendizagem significativa, notadamente na atividade de escrita. Logo este é, portanto, um terreno já habitado por muitas vozes, de modo que se pode suscitar que o dizer do produtor se constitui como um prolongamento das vozes que, nos estudos da linguagem, já vem discutindo o aspecto da escrita significativa.

Em (10), podemos observar que, ao inserir a construção *nós...* (BESSA, 2007; BERNARDINO, 2009), os produtores apontam como fonte do dizer um texto que eles produziram anteriormente, o que evidencia também um caso de autodiálogo (para alguns estudos, autocitação). Diferentemente de (09), o excerto mostra que os produtores relacionam a proposta de seu trabalho a outras pesquisas citadas no parágrafo anterior, tecendo um dizer que aponta para uma voz que, pelo menos nessa passagem, se constrói numa relação dialógica com a própria voz. Mais que simplesmente marcar a presença da própria voz, esta

estratégia revela que o produtor (no caso, produtores) reconhece o mérito do próprio trabalho anteriormente realizado e procura colocar e legitimar sua voz entre outras que tratam da questão da *produção escrita acadêmica*, o que pode representar a adoção, por parte do produtor, de uma posição de construção e reconhecimento de uma identidade autoral no campo disciplinar.

5) *A voz do outro é assimilada como “palavra própria” pelo produtor*

Essa estratégia ocorre quando o produtor se reporta a dizeres de uma outra voz incorporando-os como expressão de sua própria voz. Em casos como esse, a palavra do outro se torna palavra alheia-própria, posto que o produtor, em seu ato criador, assimila, reelabora e reacentua a palavra do outro de acordo com sua vontade discursiva e, por conseguinte, expressa um dizer sem explicitar formalmente que reconhece o lugar do outro em sua voz. O excerto que segue ilustra bem esse caso:

(11)

Nessa direção, relativamente ao ensino da escrita, a escola tem se empenhado muito mais em ensinar um como fazer do que em construir uma postura em relação à escrita. Dessas práticas decorre uma espécie de silenciamento do sujeito que escreve, uma vez que seu escrito tem pouco significado subjetivo, social, interacional e real.
(AC01, p. 64)

Um leitor minimamente sintonizado com as discussões em torno do ensino de língua materna no Brasil não teria dificuldade de perceber que, no excerto acima que reproduz o dizer do produtor do AC01, o discurso na defesa da *construção de uma postura do aluno na atividade de escrita e de uma escrita interativa*, assim como da *crítica à dimensão do silenciamento do sujeito*,

perpassam as vozes de diversos estudiosos da linguagem, especialmente daquelas vozes que prolongam posições como as de Geraldi e de outros linguistas – que, a partir de meados da década de 80, sobretudo depois da publicação do livro *O texto na sala de aula* e da divulgação e disseminação das ideias do Círculo de Bakhtin, bem como após a publicação, em meados da década de 90, dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa do ensino fundamental – passaram a advogar mudanças substanciais no ensino de língua materna pautadas em uma concepção de linguagem como interação social.

Esse excerto mostra, portanto, como o dizer do produtor do AC01 está atravessado por fios dialógicos de dizeres de outros estudiosos, cuja origem não é indicada formalmente, refletindo, assim, o esquecimento característico do processo de assimilação das palavras alheias constitutivo do dialogismo, conforme concebe o pensamento bakhtiniano: “Esse processo de luta com a palavra de outrem e sua influência é imensa na história da formação da consciência individual. **Uma palavra, uma voz que é nossa, mas nascida de outrem, ou dialogicamente estimulada por ele, mais cedo ou mais tarde começará a se libertar do domínio da palavra do outro.**” (BAKHTIN, 2010a, p. 147-148, grifos nossos).

Ainda que, em alguma medida, esse caso possa, talvez, vir a ser interpretado como uma atitude deliberada de má fé do ponto de vista dos preceitos e valores da cultura acadêmico-científica, posto que não há uma indicação formal da pertença dos dizeres a uma dada fonte, entendemos que o excerto revela como o dizer do produtor assume uma expressão e toma forma e

sentido na relação dialógica com as leituras de textos e autores de sua área. Dizendo em termos bakhtinianos, seria o caso de considerar aí que o produtor povoa a palavra alheia com sua intenção, com seu acento, tornando-a familiar com sua orientação semântica e expressiva.

6) *o produtor omite explicitamente a fonte do dizer*

Essa estratégia compreende aqueles casos em que o produtor, deliberadamente ou por desconhecimento de convenções que regem o funcionamento da escrita do texto científico, se refere ao dizer do outro, seja reproduzindo literalmente, seja reformulando, sem explicitar formalmente a fonte. Tal estratégia não deixa de configurar aquilo que Pollet e Piette (2002) denominam de *defeito de notação de fontes*, mas pode ser melhor caracterizado como manifestações de plágio.

Esse procedimento de se referir ao dizer do outro sem explicitar formalmente a fonte da qual esse dizer emana se manifesta de diferentes formas nos textos científicos do jovem pesquisador. Neles, as palavras do outro podem ser reproduzidas literalmente ou com algum trabalho de “reformulação” e podem ser reproduzidas em porções textuais mais curtas, como também em porções textuais mais longas, o que, por vezes, torna complexa a identificação de certos tipos de plágio na escrita científica. Ilustraremos aqui dois casos.

(12)

Texto de AC07	Texto-fonte – MARCUSCHI (2002)
<i>A respeito do estudo dos gêneros, já se tornou indispensável a ideia de que estes estão</i>	<i>Já se tornou trivial a ideia de que os gêneros textuais são fenômenos históricos,</i>

<i>vinculados à vida social e cultural, bem como a de que são fenômenos históricos. Como fruto de um trabalho coletivo, eles dão suas contribuições diariamente na estabilização e ordenação das atividades comunicativas. (ACO7, p. 986)</i>	<i>profundamente vinculados à vida cultural e social. Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia. (MARCUSCHI, 2002, p.19)</i>
---	--

(13)

Texto de AC07	Texto-fonte – BRAZ (1999)
<i>A coluna “Diálogos Possíveis com Clarice Lispector” revela uma permuta na relação entrevistador-entrevistado, tornando-se um espaço em que as entrevistas fluem e o diálogo é constante. Esse fato está ligado à questão de Lispector romper com os paradigmas do gênero, não existindo, portanto, a divisão clássica do ‘eu’, que no caso é o entrevistador, e ‘tu’, o entrevistado. Na verdade, o que existe é a ligação do ‘eu’ com o ‘tu’, ambos entrevistadores e entrevistados. De acordo com o exposto, podemos compreender que os pontos-chave da entrevista clariceana residem na diversidade de temáticas, no retrato do inusitado, na ambivalente relação carinhosa entre entrevistador e entrevistado, na exposição de sentimentos e opiniões, entre outros. Clarice não procura a verdade dos fatos, mas inúmeras facetas de quem entrevista, os vários ângulos de seus amigos, tentando enquadrar mistério, descontração, fatos da vida social, cultural, enxergando quem é seu entrevistado, quem é ela e outras questões. (AC07, p. 994).</i>	<i>Pela existência da permuta na relação entrevistador-entrevistado, a coluna “Diálogos possíveis” torna-se um espaço úbero a fluidez e usufruto do diálogo. Isso deve à iniciativa de Lispector em “quebrar” com os pétreos paradigmas do gênero: não existe mais a clássica divisão do EU, o entrevistador, e TU, o entrevistado. O que se existe é o EU com TU – ambos entrevistadores e entrevistados. De acordo com o embasamento exposto, podemos depreender que os “ápices” da entrevista clariceana habitam no retrato inusitado, na diversidade de temáticas, na permuta de opiniões e sentimentos, em uma ambivalência entre entrevistador e entrevistado. Lispector não procura a “verdade” soberana e indelével, mas múltiplas facetas, os ângulos obtusos e agudos do que é ser humano, de quem é seu entrevistado, de quem é ela, do momento real e ademais questões. (BRAZ, 1999, p. 14)</i>

Fonte: (BESSA, 2016).

Em (12), o dizer do produtor do AC07 expressa uma posição do linguista Marcuschi sobre gêneros (textuais) em relação à qual ele – o produtor – opera reformulações mínimas no plano da forma, sem, porém, alterar o plano do

sentido, no que pode ser caracterizado como um caso de *patchwriting*⁸, nos termos como concebem Pecorari (2008) e Howard (1995). Desse modo, ainda que reformule as palavras de *Marcuschi*, a posição do linguista permanece preservada, razão que justificaria que o produtor realizasse uma referência explícita da fonte do dizer.

Se em (12) se trata de um trecho em que há um trabalho mínimo de reformulação sobre as palavras do outro em um enunciado de extensão textual mais reduzida, no excerto (13) temos um texto em que o produtor realiza operações como **substituição** (*quebrar* por *romper*; *ápices* por *pontos-chave*, *podemos depreender* por *podemos compreender*, *múltiplas facetas* por *inúmeras facetas*, entre outras), **acréscimo de palavras e expressões** (*tentando enquadrar mistério, descontração, fatos da vida social, cultural*) e **alteração da ordem de termos** (*A coluna “Diálogos Possíveis com Clarice Lispector” revela uma permuta na relação entrevistador-entrevistado/Pela existência da permuta na relação entrevistador-entrevistado, a coluna “Diálogos possíveis”*) de um dizer do outro expresso em um enunciado que, em seu plano formal, tem uma extensão relativamente longa.

No excerto (13), temos uma dependência mais substancial e, ao mesmo tempo, preocupante do ponto de vista das convenções da esfera acadêmico-científica, do dizer do produtor em relação aos dizeres do outro. Dadas as modificações operadas pelo produtor, notadamente de maneira proposital (como podemos deduzir, dado o fato de outros trechos, inclusive boa parte da

⁸ Pecorari (2008) define *patchwriting* como sendo um procedimento típico de “repetição do uso da linguagem”, que ocorre, segundo ela, quando escritores inexperientes não têm uma voz autoral suficientemente competente para não se prenderem à linguagem de outrem, no caso os escritores mais proficientes.

conclusão do trabalho desse produtor, revelar procedimento semelhante), de modo a tentar fazer o dizer alheio passar como palavra própria, esse excerto caracteriza um caso de apropriação do dizer do outro a ser enquadrado dentre aqueles casos problemáticos de conduta desonesta do pesquisador na atividade de escrita do texto científico, mais precisamente entre os casos de plágio voluntário, tal como o concebe Schneider (2000).

Podemos perceber que, por mais que tente esconder/mascarar deliberadamente a presença do dizer outro e do pertencimento das palavras, é claramente perceptível, tanto no plano da forma, como no plano do sentido, que o dizer de ACO7 reproduz o dizer expresso em texto de Braz (1999), que nem sequer é referido. Tal procedimento se caracteriza aí pelo ato consciente do empréstimo com omissão das fontes do dizer, o que, seguindo a compreensão de Schneider (2000), representa um esforço proposital de coincidir com o outro (esse outro de cuja voz ele faz empréstimos e se alimenta) e de substituí-lo; e configura, em última instância, uma impostura.

Conforme as regras do “jogo” da esfera acadêmico-científica, o excerto acima ilustra um flagrante caso de plágio (digamos voluntário, porque intencional), que é um procedimento altamente condenado nessa esfera, sobretudo porque ele pesa contra as condutas éticas e de integridade do fazer científico e da comunicação científica, de acordo com as quais plagiar é um ato de desonestidade intelectual, configurando um caso de *fraude ou um crime acadêmico* (PECORARI, PETRIĆ, 2014).

CONCLUSÃO

As estratégias de convocação/inserção de vozes exploradas aqui nos dão uma dimensão da variedade e complexidade dos procedimentos formais do discurso de que se utilizam os jovens pesquisadores para construir o seu dizer no diálogo com as vozes dos autores/estudiosos aos quais se reportam nos textos científicos que produzem.

Pudemos perceber que as estratégias de inserção de vozes indicam que os jovens pesquisadores assimilam a palavra alheia de diferentes modos: vozes de autores/pesquisadores, vozes da corrente teórica, vozes de documentos (dicionários), omissão da fonte do dizer, entre outras. Tais estratégias demonstram, pois, como o jovem pesquisador interage com o conhecimento de sua área de saber, evidenciando, de um lado, como ele recorta e articula de modo diverso e com diferentes níveis de complexidade autores e posições teóricas na construção de seu dizer; e, de outro, o conhecimento que ele revela de debates de seu campo de saber e como ele se projeta nesses debates, que permitem ratificar a condição de pesquisadores que começam a se apropriar, com alguma dificuldade, de conceitos teóricos, e a se familiarizar com autores e correntes teóricas.

Em suma, o levantamento dessas estratégias nos permitiu diagnosticar formas de interagir com o dito que expressam desde um trabalho mais cuidadoso e produtivo de reelaboração das palavras alheias a procedimentos de “reprodução” dos dizeres de outrem sem atribuição formal da fonte, alguns deles nem sempre bem vistos e aceitáveis do ponto de vista das convenções acadêmico-científicas.

Como pesquisador e professor preocupado com a formação em pesquisa do jovem pesquisador, esses achados apontam para a necessidade de desenvolvermos um trabalho permanente, mais sistemático, efetivo e pontual, no espaço de sala de aula, da graduação à pós-graduação, voltado para o ensino de convenções sobre o citar e sobre o uso consciente da palavra alheia (e também de questões de integridade e ética na pesquisa) na escrita acadêmico-científica como procedimento mais consequente e apropriado para o enfrentamento das dificuldades dos jovens pesquisadores no trabalho de gerenciar vozes. Afinal, como afirma Petrić (2012) sobre o enfrentamento do uso excessivo de citações diretas na escrita científica (com cuja compreensão concordamos e estendemos para o trabalho de gerenciar vozes), é preciso não só identificar o problema, como também promover um trabalho direcionado fornecendo instruções precisas para superá-lo, sobretudo quando consideramos a condição de sujeito inexperiente nas práticas comunicativas da esfera científica e de familiarização com as convenções da escrita científica,

REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, J. Dizer ao outro no já-dito: interferências de alteridades – interlocutiva e interdiscursiva – no coração do dizer. Tradução de Leci Borges Barbisan. **Letras de Hoje**, v. vol. 46, n. 1, p. 6-20, jan./mar. 2011.

_____. A representação do discurso outro: um campo multiplamente heterogêneo. Tradução de Daniel Costa da Silva e revisão de Marlene Teixeira. **Calidoscópico**, vol. 6, n. 2, p. 107-119, maio./ago. 2008.

_____. **Entre a transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

_____. **Palavras incertas**: as não-coincidências do dizer. Tradução de Claudia R. Castellanos Pfeiffer, et al. Revisão técnica da tradução Eni Pulccinelli Orlandi. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998.

_____. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. Equipe de tradução Aurora Fornoni Bernardini, José Pereira Júnior, Augusto Góes Júnior, Helena Spryndis Nazário e Homero Freitas de Andrade. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 2010a.

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução do russo de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010b.

_____. **Estética da criação verbal**. Tradução do russo de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BESSA, J. C. R. **Dialogismo e construção da voz autoral na escrita do texto científico de jovens pesquisadores**. 2016, 385 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) — Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara), 2016.

BRAZ, M. M. S. Interferências literárias: aspectos do gênero entrevista em Clarice Lispector. In: Intercom Nacional XXXII - Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação: comunicação, educação e cultura na era digital, 2009, Curitiba. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2009, p. 1-14. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-0056-1.pdf>. Acesso em: 11 maio. 2015.

DINIZ, D.; TERRA, A. **Plágio**: palavras escondidas. Brasília: LetrasLivres; Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2014.

FARACO, C. A. **Linguagem & diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. Curitiba: Parábola Editorial, 2009.

GERALDI, J. W. Heterocientificidade nos estudos linguísticos. In: Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso – GEGe - UFSCar. **Palavras e**

contrapalavras – enfrentando questões de metodologia bakhtiniana. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012, p. 19-39.

HOWARD, R. M. Plagiarisms, authorships, and the academic death penalty. **College English**, v. 57, n. 7, p. 788, 806. nov. 1995.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **Gênese dos discursos**. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. **Novas tendências em Análise do Discurso**. Tradução de Freda Indursky. 3. ed. Campinas, SP: Pontes: Editora da Unicamp, 1997.

_____. **Elementos de lingüística para o texto literário**. Tradução de Maria Augusta Bastos de Mattos. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G. R. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PECORARI, D. Repeated language in academic discourse: the case of Biology background statements. **Nordic Journal of English Studies**, v. 7, n. 3, p. 9-33, 2008.

PECORARI, D.; PETRIĆ, B. Plagiarism in second-language writing. **Language Teaching**, v. 47, n. 03, p.269-302, jul.2014.

PETRIĆ, B. Legitimate textual borrowing: direct quotation in L2 student writing. **Journal of Second Language Writing**, 21, p. 102–117, 2012.

POLLET, M. C.; PIETTE, V. Citation, reformulation du discours d'autrui. Une clé pour enseigner l'écriture de recherche ? **Spirale**, n. 29, p. 165-179, 2002.

RINCK, F.; BOCH, F. ; GROSSMANN, F. Quelques lieux de variation du positionnement énonciatif dans l'article de recherche. **Filologia e linguística Portuguesa**, n. 8, p. 451-464, 2006.

SCHNEIDER, M. **Ladrões de palavras**: ensaio sobre o plágio, a psicanálise e o pensamento. Tradução de Luiz Fernando P. N. Franco. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

SEVERINO, A. J. Pós-graduação e pesquisa: o processo de produção e de sistematização do conhecimento. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 9, n. 26, p. 13-27, jan./abr. 2009.